

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA
CÁTEDRA UNESCO ARCHAÍ VIVA VOX
abril de 2017 número 22

ISSN: 2176-5960



O QUE É A LIBERDADE PARA EPICTETO

Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues (Tarquínio)
Doutor em Filosofia (Puc-SP)

ABSTRACT: The *kátharsis* and the *phrónesis* present in Plato's *Pháidon*, reappear slightly modified in Epictetus' philosophy. *Kátharsis*, represents the body's detachment having as main instrument the *proháresis*. The *phrónesis*, reappears as the contemplation of the world's government. The body's detachment united with the the contemplation of the world's government composes the path to conquer freedom (*eleuthería*) in the Epictetian sense.

KEYWORDS: *kátharsis. Phrónesis. Proháresis. Eleuthería.*

RESUMO: A *kátharsis* e a *phrónesis* presentes no Fedão de Platão, reaparecem levemente modificadas na filosofia de Epicteto. A *kátharsis*, à guisa de desprendimento do corpo tendo por principal instrumento a *proháresis*. A *phrónesis*, ao modo de contemplação do governo do mundo. O desprendimento corpóreo unido à contemplação do governo do mundo constitui o caminho de conquista da liberdade (*eleuthería*) em sentido epictetiano.

PALAVRAS-CHAVE: *kátharsis. Phrónesis. Proháresis. Eleuthería.*

Na ocasião da elaboração de minha dissertação de mestrado entrei em contato pela primeira vez com o texto: *Épictète et Platon, essai sur les relations du Stoïcisme et du Platonisme à propos de la Morale des Entretiens de Amand Jagu*.

Para nós, estudiosos de Epicteto, o *Amand* é importante porque traduziu junto com o *Joseph Souilhé* as lições de Epicteto - as *Diatribes (Entretiens* em francês) – aquelas que o *Flavio Arriano* escreveu quando aluno do apóstolo estoico.

Neste livro o *Amand* comete várias referências ao diálogo de Platão, o Fedão, demonstrando o que não é usual, o que não é de praxe os comentadores e estudiosos de Epicteto afirmar - que o notório estudo de Platão que versa sobre a alma é a fonte de muitos conceitos que estão na base das *Lições de Epicteto*.

Vocês sabem.

Em filosofia nunca seguimos sós porque sempre pegamos carona em alguém...

Interessante isso.

Para entrar em Platão, entre outros, fui no *Festugière*, já que o *Contemplation et vie contemplative selon Platon* esmiúça com muita competência, com muita propriedade o diálogo platônico em questão. Há outra obra dele que seguimos de perto, nomeada: *Les trois "protreptiques" de Platon*. Nesta o *Festugière* é carona do *Jâmblico de Cálcides* – filósofo neoplatônico que viveu entre os séculos III e IV depois de Cristo.

Com estes amigos e nesta boa companhia enuclearei alguns conceitos fundamentais no Fedão de Platão que foram transpostos e adaptados à filosofia epictetiana.

A primeira constatação do *Festugière*, em seu estudo do Fedão baseado na leitura de Jâmblico, diz respeito ao teor ascético do diálogo.

Embora os homens não o percebam, é possível que todos *os que se dedicam verdadeiramente à filosofia*, a nada mais aspirem do que a morrer e estarem mortos. Sendo isso um fato, seria absurdo, não fazendo outra coisa *o filósofo toda a vida*, ao chegar esse momento, insurgir-se contra o que ele mesmo, pedira com tal empenho e empôs do que sempre afanara¹

¹. Κινδυνεύουσι γὰρ ὅσοι τυγχάνουσιν ὀρθῶς ἀπτόμενοι φιλοσοφίας λεληθέναι τοὺς ἄλλους ὅτι οὐδὲν ἄλλο αὐτοὶ ἐπιτηδεύουσιν ἢ ἀποθνήσκειν τε καὶ τεθνάναι. εἰ οὖν τοῦτο ἀληθές, ἄτοπον δὴπου ἂν εἴη προθυμεῖσθαι μὲν ἐν παντί τῷ βίῳ μηδὲν ἄλλο ἢ τοῦτο, ἤκοντος δὲ δὴ αὐτοῦ ἀγανακτεῖν ὃ πάλαι προθυμοῦντό τε καὶ ἐπετήδευον.. Fedão, 64^a.

Atentemos para dois detalhes na asseveração de Sócrates: primeiro, a definição da filosofia como um exercício de morte. Segundo, que este exercício envolve “a dedicação de toda uma vida por parte do amante da sabedoria”. E um pouco mais a frente Sócrates repete a afirmativa com outras palavras: “os que se ocuparam com a filosofia (...) a vida inteira”, veja:

E no meu modo de entender, são estes, apenas, os que *se ocuparam com a filosofia* em sua verdadeira acepção, no número dos quais procurei incluir-me, esforçando-me nesse sentido, por todos os modos, *a vida inteira* e na medida do possível sem nada negligenciar²

E se me permitem ainda uma última citação direta do Fedão:

E não consiste toda a atividade dos filósofos na libertação da alma e na sua separação do corpo; ou não?³ ... Os que praticam corretamente a filosofia, de fato se preparam para morrer⁴

Ora, em todas as passagens citadas o ofício do filósofo, ou seja, a prática da filosofia não pode ser traduzida à guisa de tarefa improvisada ou ao modo de serviço que envolva apenas algumas horas do dia, pois a práxis filosófica exige do filósofo *um esforço*, nada mais, nada menos que *de uma vida inteira*.

O empreendimento, o labor, a feitura que constituem o coração desse esforço, *esforço de uma vida inteira* chama-se *kátharsis* – trabalho que efetua a separação da alma do corpo (τὸ χωρίζειν ὅτι μάλιστα ἀπὸ τοῦ σώματος τὴν ψυχὴν καὶ ἐθίσαι).

Jâmblico classifica o *Fedão* como uma obra *protréptica* - na medida que exorta a uma nova virtude, a virtude contemplativa, que ele define como sendo *a visão da Ideia pela alma*⁵ - visão essa que só se realiza quando a alma desprendida do corpo, recolhe-se em si mesma, quando a alma ensimesma-se.

Para ele, Platão ao procurar definir melhor o acontecimento escolheu o ponto extremo em que alma já se libertou por inteira do corpo, ou seja, o ponto da morte⁶.

A nosso ver o mérito desta interpretação está em destacar dois aspectos fundamentais do diálogo. Seu teor altamente cognoscitivo – a visão da Ideia pela alma;

² οὐδὲν ἀπέλιπον ἐν τῷ βίῳ . Fedão, 69d.

³ Κάθαρσις δὲ εἶναι ἄρα οὐ τοῦτο συμβαίνει, ὅπερ πάλαι ἐν τῷ λόγῳ λέγεται, τὸ χωρίζειν ὅτι μάλιστα ἀπὸ τοῦ σώματος τὴν ψυχὴν καὶ ἐθίσαι.

⁴ Λύειν δὲ γε αὐτήν, ὡς φαμεν, προθυμοῦνται αἰεὶ μάλιστα καὶ μόνοι οἱ φιλοσοφοῦντες ὀρθῶς, καὶ τὸ μελέτημα αὐτὸ τοῦτό ἐστιν τῶν φιλοσόφων, λύσις καὶ χωρισμὸς ψυχῆς ἀπὸ σώματος· ἢ οὔ;.”O exercício mesmo dos filósofos é este a liberação e a separação da alma do corpo”. Fedão, 67d.

⁵ Festugière. 1936. p. 75.

⁶ Festugière. 1936. p. 75.

e a compreensão de que Platão não se referira à morte, mas à vida, à vida virtuosa. Vejamos este segundo ponto.

Na altura do 60b assistimos Sócrates papeando com Cebes a respeito de um tal Eveno. Sócrates oferece resposta a uma pergunta endereçada a ele por Eveno que é poeta. Tratava-se dos poemas que Sócrates andara compondo. O importante nessa passagem é o conselho que Sócrates transmite a Eveno:

Apresenta-lhe, também, saudações de minha parte, acrescentando que, se ele for sábio (*soprone*), deverá seguir-me o quanto antes. Parto, ao que parece, hoje mesmo, assim o determinam os Atenienses⁷

Em seguida acrescenta: “Não é permitido a ninguém empregar violência contra si próprio”⁸.

A conclusão do *Festugière* sobre essa passagem é a seguinte: se não era para Eveno acabar com a própria vida, no sentido da violência contra si mesmo, no sentido do suicídio, entenda-se o episódio então como uma indicação a outro tipo de morte.

A morte a que Sócrates se referiu, nós já vimos, é a *kátharsis*. Um esforço em vida de separar o máximo possível a alma do corpo, no entendimento de que *a filosofia é um caminho ascético de desprendimento*. Não é a morte física o objeto em questão no diálogo, mas, ainda segundo o *Festugière*, a morte mística, ou seja, a morte como via ascética de desligamento da alma de tudo que a prende a este mundo de modo a que ela possa integrar-se à dimensão espiritual da vida.

Como o filósofo, segundo Sócrates no Fedão, executa esta tarefa, este trabalho? Morrendo efetivamente? Não. Mas, vivendo. Vivendo virtuosamente. Porque vivendo na virtude o filósofo se purifica até chegar ao ponto de ser capaz de captar o puro através da pureza alcançada.

Assim, quando nos perguntamos sobre o porquê de haver no Fedão esta exigência de desprendimento, de desapego - a pregação constante de desvinculação da alma do corpo (*kátharsis*) - encontramos a seguinte resposta: Por causa da *phrónesis* - que vem a ser - o encontro entre duas puridades: *a alma purificada com a ideia pura, ou simplesmente, a contemplação*⁹.

⁷ ταῦτα οὖν, ὦ Κέβης, Εὐθύνω φράζε, καὶ ἐρρώσθαι καί, ἂν σωφρονῆ, ἐμὲ διώκειν ὡς τάχιστα. Fedão, 61b.

⁸ Fedão, 61c.

⁹ Festugière. 1936. p. 87.

Assim temos a *áskesis/kátharsis* – ou o exercício de morte, e a *phrónesis/theoría* ou a visão da ideia ou contemplação.

Deixemos esta batata descascada na panela para mais à frente fazermos a sopa.

Na abertura do Enquirídio contemplamos a seguinte afirmação:

Das coisas que são - umas estão sobre nós¹⁰ - outras não estão sobre nós. É propriamente nosso¹¹: julgamento de valor¹², impulso para a ação, desejo, aversão - em uma palavra - quantas sejam nossas obras. Não são de nossa alçada¹³: *o corpo*, os teres, as opiniões dos outros sobre nós, os cargos públicos - em uma palavra – quantas sejam as obras que não nos pertencem propriamente (1-2) E as coisas que nos competem são por natureza livres, sem impedimentos, sem entraves, e as que não, são fracas, escravas, impedidas, de outrem¹⁴

Não é mera casualidade o *to soma* aparecer imediatamente após a asseveração que indica *o que não nos pertence* - aquilo que não está “sobre nós”.

Nas *Lições de Epicteto* há inúmeras passagens onde o *tó soma* é apresentado como o primeiro item listado entre aquelas coisas “não sobre nós”, ou seja, que não nos pertencem propriamente.

Em contraposição, todos os tópicos apresentados na série que segue o “sobre nós” – o que está sobre nossos ombros, o que é nossa responsabilidade – nada mais apresentam do que o hegemônico no respeitante às suas funções fundamentais.

Os discípulos de Zenão são da opinião de que a alma possui oito partes, cujas faculdades são numerosas: as faculdades contidas, por exemplo, no hegemônico são a *phantasia*, o assentimento, a tendência e a razão (*logou*)¹⁵

Este é um dos níveis em que a *kátharsis* aparece na obra de Epicteto, digamos assim, cruamente. Por quê?

Porque na simples divisão entre o “sobre nós e o não sobre nós” - corpo e alma - são categorizados em dois grupos diferentes. Um, o *to soma* definido como impediendo e passível de ser sujeitado facilmente, e o outro, a *psykhe* ou *hegemonikón* como um fragmento da divindade, *ergo* livre e desimpedido.

¹⁰ São de nossa alçada.

¹¹ É de nossa competência.

¹² Aceito a tradução de Pierre HADOT da palavra “*hupolepsis*”.

¹³ Não são de nossa competência, não são propriamente nossos.

¹⁴ E., 1.1. Τῶν ὄντων τὰ μὲν ἐστὶν ἐφ' ἡμῖν, τὰ δὲ οὐκ ἐφ' ἡμῖν. ἐφ' ἡμῖν μὲν ὑπόληψις, ὀρμή, ὄρεξις, ἔκκλισις καὶ ἐνὶ λόγῳ ὅσα ἡμέτερα ἔργα· οὐκ ἐφ' ἡμῖν δὲ τὸ σῶμα, ἡ κτήσις, δόξα, ἀρχαὶ καὶ ἐνὶ λόγῳ ὅσα οὐχ ἡμέτερα ἔργα. καὶ τὰ μὲν ἐφ' ἡμῖν ἐστὶ φύσει ἐλεύθερα, ἀκώλυτα, ἀπαραπόδιστα, τὰ δὲ οὐκ ἐφ' ἡμῖν ἀσθενῆ, δοῦλα, κωλυτά, ἀλλότρια.

¹⁵ JAMBILICO, *Da alma*, em Estobeu, *anthologia* I, 49, 34, 2-5, Chrys. O.F.

O caso é que em muitas passagens das *Lições*, Epicteto utiliza o termo *prohairesis* (ato de escolher)¹⁶ em ao menos dois registros diferentes e, reiteradamente onde o termo *hegemonikón* figura à guisa de sinônimo do termo *prohairesis*.

É porque concluímos em nossa tese de doutorado¹⁷, aduzindo uma quantidade razoável de provas, que a *prohairesis* pode ser definida a laia de *hegemônico em ação*.

No final das contas, quem é aquele que decide quando alguém escolhe? Ora, o *hegemonikón*. Chrysipo chega a dizer que quando apontamos o dedo para nós mesmos, a fim de indicar quem praticou uma ação, uma vez interrogados por alguém, e pronunciamos “eu”, não ser à toa assinalarmos o coração, visto residir ali o *hegemonikón*¹⁸.

A *prohairesis* é muito importante para Epicteto porque funciona como um critério de disjunção – um método prático de seleção que discrimina e distingue os campos de concernência entre o próprio e o alheio, atuando nas três asceses que estão na base da filosofia de Epicteto, a saber: a ascese do desejo, da ação e a do assentimento. Vamos dar dois exemplos disto, este:

Tal como nos exercitamos em face das questões sofisticas, deveríamos igualmente, nos exercitar todos os dias à frente das *fantasias*. Porque elas também nos põem interrogações. Morreu o filho de fulano. Responder: inelegível (*aprohaireton*), não é um mal. O pai de sicrano privou-o da herança. Que te parece? Inelegível (*aprohaireton*), não é um mal. César o condenou. Inelegível, não é um mal. Entristeceu por causa dessas coisas. Elegível, é um mal. Fulano suportou nobremente. Elegível, é um bem. E se nos acostumarmos a isso, avançaremos, pois jamais daremos nosso *assentimento* a qualquer outra, a não ser à *fantasia cataléptica*¹⁹

E este:

Eis a forma de ginástica que é preciso exercitar desde a primeira luz da manhã, acercando-te de quem vejas, de quem ouças, examina-os, responde como se te perguntassem: Que vistes? Um belo homem ou

¹⁶ Antelação, eleição.

¹⁷ Antonio C.de O. RODRIGUES. A *áskesis* de desapropriação epictetiana à luz da *kátarsis* do *Fédon* de Platão: 2015. 117 folhas. Doutorado em filosofia. Pucsp.

¹⁸ Galien, *sur lês doctrines d’Hippocrate et Platon* II, 2,9,1-11,6. Chrys. O.F. Vol. II, pág.328.

¹⁹ Ὡς πρὸς τὰ ἐρωτήματα τὰ σοφιστικὰ γυμναζόμεθα, οὕτως καὶ πρὸς τὰς φαντασίας καθ’ ἡμέραν ἔδει γυμνάζεσθαι· προτείνουσι γὰρ ἡμῖν καὶ αὗται ἐρωτήματα. ὁ υἱὸς ἀπέθανε τοῦ δεῖνος. ἀπόκριναι ‘ἀπροαίρετον, οὐ κακόν’. ὁ πατήρ τὸν δεῖνα ἀποκληρονόμον ἀπέλ[ε]ιπεν. τί σοι δοκεῖ; ‘ἀπροαίρετον, οὐ κακόν.’ Καῖσαρ αὐτὸν κατέκρινεν. ‘ἀπροαίρετον, οὐ κακόν.’ ἐλυπήθη ἐπὶ τούτοις. ‘προαιρετικόν, κακόν.’ γενναίως ὑπέμεινεν. προαιρετικόν, ἀγαθόν.’ κἀν οὕτως ἐθιζώμεθα, προκόψομεν· οὐδέποτε γὰρ ἄλλω συγκαταθησόμεθα ἢ οὐ φαντασία καταληπτικὴ γίνεται. L., III, 8, 1-4.

uma bela mulher? Aplica a regra: Alheio a escolha (inelegível) ou sujeito a escolha (elegível)? Alheio a escolha: lança fora. Que viste? Alguém de luto por seu filho? Aplica a regra: a morte é alheia à escolha. Tira do meio. Encontraste-te com um cônsul. Aplica a regra: como é o consulado? Alheio a escolha ou sujeito a escolha? Alheio a escolha: aparta também isso, não é aceitável, deixa-o, nada tem a ver contigo. E se fizéssemos isso e nos exercitássemos todos os dias desde a alvorada até a noite, algo aconteceria, pelos deuses!²⁰

Sob essa perspectiva a *prohairesis* funciona como o *elenchos* socrático²¹ – portanto qual ação purificadora (*kátharsis*) que limpa a alma das falsas opiniões, por exemplo, auxiliando a que não confundamos o que não tem nada a ver conosco, com o que seja nosso.

Epicteto entende que “não são as coisas que perturbam os homens, mas seus dogmas sobre as coisas”²² ergo, para ele, a falsa opinião é a perdição do espírito²³.

Na lição de Epicteto em que aparece o termo *Kátharsis* lemos:

A pureza por sua origem e no mais alto grau é, pois, aquela que aparece na alma e a impureza igualmente. Pois, não se saberia encontrar na alma a mesma impureza que a do corpo e, se se trata da alma, qual outra se poderia encontrar senão aquela que torna a alma inepta para realizar os próprios atos?²⁴ Ora, os atos da alma são as propensões ou as aversões, a preparação, os intentos, o assentimento. Que é que nessas tarefas pode torná-la suja e impura? Nada mais do que seus juízos malignos. De modo que a impureza da alma são as opiniões malvadas e sua purificação, a produção das opiniões como se deve. É pura a que tem opiniões como é preciso, pois só esta é inconfundível e inatacável em suas tarefas²⁵

A *prohairesis* é a *kátharsis* que atua no preparo da *synkatáthesis*, ou seja, na preparação do assentimento. Sua presença se faz sentir ainda com muita força na ascese do desejo.

²⁰ Πρὸς τοῦτο μάλιστα τὸ εἶδος αὐτὸν γυμναστέον. εὐθύς ὄρθρου προελθὼν ὃν ἂν ἴδῃς, ὃν ἂν ἀκούσῃς, ἐξέταζε, ἀποκρίνου ὡς πρὸς ἐρώτημα. τί εἶδες; καλὸν ἢ καλὴν; ἔπαγε τὸν κανόνα. ἀπροαίρετον ἢ προαιρετικόν; ἀπροαίρετον· αἶρε ἕξω. τί εἶδες; πενθοῦν<τ> ἐπὶ τέκνου τελευτῆ; ἔπαγε τὸν κανόνα. ὁ θάνατός ἐστιν ἀπροαίρετον· αἶρε ἐκ τοῦ μέσου. ἀπήνησέ σοι ὕπατος; ἔπαγε τὸν κανόνα. ὑπατεία ποῖόν τι ἐστίν; ἀπροαίρετον ἢ προαιρετικόν; ἀπροαίρετον· αἶρε καὶ τοῦτο, οὐκ ἔστι δόκιμον· ἀπόβαλε, οὐδὲν πρὸς σέ. καὶ τοῦτο εἰ ἐποιοῦμεν

καὶ πρὸς τοῦτο ἡσκούμεθα καθ' ἡμέραν ἐξ ὄρθρου μέχρι νυκτός, ἐγίνετο ἂν τι, νῆ τοὺς θεοὺς. L., III, 3, 14-16

²¹ O sofista 230d.

²² Ταράσσει τοὺς ἀνθρώπους οὐ τὰ πράγματα, ἀλλὰ τὰ περὶ τῶν πραγμάτων δόγματα

²³ Pensar no por que disto é que é interessante. A alma não é essencialmente impura, é essencialmente pura.

²⁴ Ou seja, somos nós próprios que sujamos a nós mesmos na medida que usamos de forma equivocada nossa liberdade.

²⁵ πρώτη οὖν καὶ ἀνωτάτω καθαρότης ἢ ἐν ψυχῇ γενομένη καὶ ὁμοίως ἀκαθαρσία. ψυχῆς δ' ὡς σώματος μὲν ἀκαθαρσίαν οὐκ ἂν εὖροις, ὡς ψυχῆς δὲ τί ἂν ἄλλο εὖροις ἢ τὸ παρέχον αὐτὴν ῥυπαρὰν πρὸς τὰ ἔργα τὰ αὐτῆς; ἔργα δὲ ψυχῆς ὄρμᾶν, ἀφορμᾶν, ὀρέγεσθαι, ἐκκλίνειν, παρασκευάζεσθαι, ἐπιβάλλεσθαι, συγκατατίθεσθαι. τί ποτ' οὖν ἐστὶ τὸ ἐν τούτοις τοῖς ἔργοις ῥυπαρὰν παρέχον αὐτὴν καὶ ἀκάθαρτον; οὐδὲν ἄλλο ἢ τὰ μοχθηρὰ κρίματα αὐτῆς. ὥστε ψυχῆς μὲν ἀκαθαρσία δόγματα πονηρὰ, κάθαρσις δ' ἐμποίησις οἴων δεῖ δογμάτων. καθαρὰ δ' ἢ ἔχουσα οἶα δεῖ δόγματα· μόνη γὰρ αὐτὴ ἐν τοῖς ἔργοις τοῖς αὐτῆς ἀσύγχυτος καὶ ἀμόλυντος.

É justamente aí que ela aparece vinculada à *phrónesis*, à *theoría*, ou seja, à contemplação.

É na ascese de contenção do desejo que Epicteto ensinará a aceitação de todas aquelas realidades categorizadas na notória divisão estabelecida por ele - a classe dos “não sobre nós”.

Dado que ninguém pode ser feliz, logo, livre para ele, se não recebe incondicional e plenamente as ocorrências alheias à vontade - as inelegíveis - insta desenvolver uma visão “física” dos eventos.

Em outras palavras, ninguém vive em conformidade com a natureza sem a visão que a *theoría da physis* estoica oferece. É porque Epicteto ensina o desprendimento sucessivo de tudo o que pelo *to soma* nos prende às coisas. O desprendimento²⁶ aqui funcionará para que haja aceitação do não elegível com vistas à *theoría*.

E a *theoría* nada mais é do que a visão de que tudo o que há, inclusive o inelegível, descansa na mais pura perfeição.

Eu atei meu “impulso para ação” à divindade. Ela quer que eu tenha febre, eu também quero. Ela quer que meu impulso vá por tal direção, eu também quero. Ela quer que eu tenha tal desejo, eu também quero. Ela não quer que eu obtenha tal coisa, eu também não quero. Ela não quer, eu também não quero. Então, eu quero morrer, então eu quero sofrer tortura (...) Que quer dizer se atar à divindade? – É querer aquilo que a divindade quer e não querer o que ela não quer. Como acontece isso? – Como a não ser considerando as ações da divindade e seu governo?

Epicteto modulou a *kátharsis* a fim de que houvesse *phrónesis* contemplativa que na catástase de seu desenvolvimento, libera a criatura do ponto de vista egocentrado.

Esta é a liberdade para Epicteto.

O encontro permanece o mesmo que para Platão. A união de duas puridades. A diferença está em que, em vez de se contemplar a ideia, se contempla a forma como a

²⁶ Perdi minha túnica. É porque tinhas uma túnica. Sinto dor de cabeça. Não sentes alguma dor de chifres? Pois nossas perdas e nossas penas concernem às coisas as quais possuímos. Mas o tirano vai acorrentar. O que? A perna. Mas o tirano vai tomar pela força. O que? O pescoço. O que afinal (o tirano) não acorrenta, nem toma pela força? A *prohairesis* (alma). Por isso os antigos convocaram (os homens) para o conhece-te a ti mesmo (*gnothi sauton*). Que significa tudo isso afinal, pelos Deuses? Exercitar começando das pequenas coisas e a partir delas passar em direção às maiores.

divindade exerce o seu governo no *kósmos*. É somente assim que se pode segui-la olvidando a si mesmo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRYSIPPE. *Oeuvre Philosophique*. Textes traduits et commentés par Richard Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 2004. Edição bilíngue em II Volumes, 1435 páginas.

CHRYSIPPE. *Oeuvre Philosophique*. Textes traduits et commentés par Richard Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 2004. Edição bilíngue em II Volumes, 1435 páginas.

DINUCCI, Aldo. *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Traduzido diretamente do texto original grego pelo autor. São Cristóvão: Viva Vox, 2015. Obra não publicada.

DINUCCI, Aldo. *O manual de Epicteto*. Tradução do grego: doutor Aldo Dinucci; Aracaju: Viva Vox, 2007.

FESTUGIÈRE, A.J. *Contemplation et Vie Contemplative selon Platon*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1936.

JAGU, Armand. *Épictète et Platon (Essai sur les relations du Stoïcisme et du Platonisme à propos de la Morale des Entretiens)*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1946.

NUNES, A. Carlos. *Fédon*. Tradução do texto grego: Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed.ufpa, 2011. Edição bilíngue.

O Encheirídion de Epicteto. Tradução do grego: doutor Aldo Dinucci; São Cristóvão: Viva Vox, 2012. Edição bilíngue português/grego.

O.R. Antonio Carlos. *A áskesis de desapropriação epictetiana à luz da kátharsis do Fédon de Platão*. São Paulo: Pucsp, 2015. 117f. (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

SOUILHÉ, Joseph. *Épictète*. Paris: Les Belles Lettres, 2002. IV volumes, edição bilíngue francês/grego.